

Correspondência de Euclides da Cunha

Adilson Odair Citelli

Professor da Universidade de São Paulo

Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti (orgs.),
Correspondência de Euclides da Cunha: ativa, São Paulo,
Edusp, 1997.

Com a publicação da *Correspondência de Euclides da Cunha: ativa*, Walnice Nogueira Galvão, agora em parceria com Oswaldo Galotti, dá continuidade a um persistente e profícuo trabalho de recuperação de informações e análises da obra do criador de *Os sertões*. De *No calor da hora*, de 1974, à *Correspondência de Euclides da Cunha*, são mais de duas décadas à busca de textos que possam fornecer pistas de um dos percursos intelectuais mais intensamente vividos entre nós, o de Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha.

O volume organizado por Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti retoma uma série de cartas publicadas esparsamente ou organizadas em trabalhos como os de Renato Tavares, de 1931, *Cartas de Machado de Assis e Euclides da Cunha*, Francisco Venâncio Filho, de 1938, *Euclides da Cunha a seus amigos* e no volume da *Obra completa* feita sob responsabilidade de Afrânio Coutinho, em 1966.

A este material, os dois pesquisadores agregam mais de cem inéditos levantados em arquivos brasileiros e na Oliveira Lima Library, em Washington, além de executarem um minucioso trabalho de comparação com originais de Euclides da Cunha.

As cartas cobrem um período que vai de 14 de junho de 1890 até a última de 12 de agosto de 1909 – essa, conquanto escrita três dias antes do trágico desfecho que levaria à morte do escritor, nada denuncia acerca de uma situação de maior gravidade ou descon-

forto gerado por razões sentimentais. As deradeiras correspondências de Euclides, aquelas datadas entre meados de junho e início de agosto, apenas indicam mais diretamente questões referentes ao concurso para a cadeira de Lógica que havia realizado para ingresso no Colégio Pedro II; a situação precária de uma saúde abalada pela tísica e que lhe trazia enormes transtornos; e as preocupações com o pai doente que vivia no interior de São Paulo.

Mesmo neste conjunto final de escritos, as indagações intelectuais e o sentido da inserção no debate cultural prosseguem. Em três cartas mais longas dirigidas a Oliveira Lima, as de 18 e 28 de junho e 25 de julho, estão os comentários sobre o livro recém-escrito pelo destinatário, *Dom João VI*, e pelo qual Euclides revela grande entusiasmo: “O meu fim principal é dizer-lhe que terminei ontem a 1:30 horas da madrugada o primeiro volume do *Dom João VI*; e não resisto, absolutamente, à ansiedade de mandar-lhe o meu primeiro aplauso. O primeiro capítulo desagradou-me; todos os outros, porém, cativaram-me, surpreenderam-me [...]” Ou mesmo as afirmativas sobre a incorrigível transcendência das “tolices metafísicas”, envolvendo, ainda, o exame para o Colégio Pedro II: “A verdade é que o concurso, como se anunciou, era de Lógica [...] O simples enunciado dos pontos que me tocaram (*A verdade*, na prova escrita; a *Idéia do Ser* (!), na prova oral) é bem eloquente no delatar quão aberrados andaram os homens da verdadeira lógica. Eu não sei que idéia formariam da nossa cultura os mais modestos normalistas da Bélgica, se soubessem desse estranho caso de desvio fisiológico.”

O homem da linha reta

Para quem se dizia nômade, pulando de um lugar para outro, entrando e saindo de cidades e empregos numa considerável velocidade, praticando a engenharia errante a lombo de cavalo e enfurnando-se pelos rios amazônicos

a bordo de batelões, calçando a “bota de sete léguas”, Euclides da Cunha produziu uma correspondência quantitativa e qualitativamente expressiva. Tenha-se em mira, inclusive, o período relativamente curto das cartas; tomado o primeiro texto, de 1890, quando contava com apenas 24 anos, até o último de 1909, decorrem dezenove anos abrangidos pelo volume organizado por Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti.

Em seu conjunto o material aponta uma pluralidade de temas e assuntos que compreendem desde as pequenas agruras familiares, passando pela inflexibilidade de um caráter que reivindicava o “belo título de último dos românticos, não já do Brasil apenas, mas do mundo todo, nestes tempos utilitários! Julgo, entretanto, que hei de arrepender-me muito, mas tarde, desta vaidade”, indo até as grandes questões intelectuais e nacionais.

Pelo estudo detido das cartas de Euclides da Cunha é possível recompor-se os percalços de um homem que circula, muitas vezes dolorosamente, entre o corpo de crenças abraçadas desde a mocidade e os imperativos de uma realidade teimosamente pronta para desmontar os velhos enunciados doutrinários, fazendo com que o incansável lutador se considere “combalido” frente aos desajustes de um país marcado por práticas discricionárias e consensos políticos de oportunidade.

Cresce, neste contexto, o sentimento euclidiano de injustiça, não apenas nos termos que marcam as relações sociais mais amplas, senão também aquelas afeitas à sua circunscrição pessoal dele: a vida familiar que não se assenta; a instabilidade afetiva; a candidatura a deputado que não vingou; a comissão para presidir a construção da Madeira-Mamoré que se frustra; a crônica falta de dinheiro titulada brincalhona de “anemia albigeral”; o emprego que não vem: “Num país em que toda a gente acomoda a sua vidinha num cantinho de secretaria, ou numa aposentadoria, eu estou, depois de haver trabalhado tanto, galhardamente, sem posição definida” (carta a Oliveira Lima, 25 maio 1908).

Enquanto no lado oposto, o da rua do Ouvidor, triunfam o carreirismo, a subserviência e o oportunismo: “Andam nesta terra tão ao nível das maiores mediocridades as mais altas posições que fora, na verdade, ridículo o entristecer-me com o não conseguir o modesto lugar de professor de Lógica”. A se considerar que o primeiro colocado no referido concurso – mas que foi preterido pelo nome de Euclides –, Farias Brito, é posto também neste mar de incompetências triunfantes: “Depois veio a classificação, na qual dois *avocati diaboli* votaram pela minha reprovção! contribuindo para que galgasse o primeiro lugar um pobre filósofo, cearense e anônimo, que há 25 anos (um quarto de século!) escreve uma interminável *Finalidade do mundo*, estopante e indecifrável como o célebre *Nova luz sobre o passado*” (carta a Gastão da Cunha, 8 ago. 1909).

No entanto, o “espírito de bugre” e a determinação de quem deseja vencer sozinho, sem patronos nem a rua do Ouvidor, submete o sentimento de exclusão ao orgulho do “último romântico”. Em carta dirigida ao pai (22 fev. 1903), Euclides fixa o bordão que retorna permanentemente à sua obra, como se fosse a referência exemplar para um estado civilizatório e de cultura que parecia escapar-lhe das mãos: “Apresso-me em comunicar-lhe que fui eleito ontem para a Academia de Letras [...] Assim, o desvio que abri nesta minha engenharia obscura alongou-se mais do que eu julgava. É ao menos um consolo nestes tempos de filhotismo absoluto, verdadeira idade de ouro dos mediócrs. Tive eleitores como Rio Branco e Machado de Assis. Mas não tenho vaidades: tudo isto me revela a boa linha reta que o senhor me ensinou desde pequeno. Hei de continuar nela.” Abre-se, aqui, um capítulo interessante para se discutir, não apenas a posição euclidiana, aparentemente satisfeita com o reconhecimento simbólico e a possibilidade de fazer seguir a “pureza dos ideais”, mas diretamente os nexos que amarram os intelectuais nos países periféricos às relações com o poder e as diferentes formas de gratificação.

Desertos e rios

Ainda que Euclides da Cunha tenha mantido correspondência com um número razoável de pessoas, verifica-se que com poucos há regularidade e constância. Ao que se depreende da leitura das cartas e de informações de outras fontes, Euclides da Cunha era homem de um círculo restrito de efetivos amigos. Gente com a qual tratava de assuntos pessoais, para quem expunha suas dúvidas e angústias, a quem acorria para solicitar algum tipo de ajuda e para os quais se colocava inteiramente à disposição. Há, neste sentido, cartas comoventes e que revelam despreendimento e grandiosidade de espírito tanto do destinatário como dos destinatários.

Do clube mais restrito de Euclides faziam parte velhos companheiros das jornadas republicanas e dos enfrentamentos doutrinários da mocidade, assim como alguns novos nascidos do estreitamento das atividades dele como escritor e acadêmico. Daí as modalizações diferenciadas nos tons das cartas, indo das protocolares às informais. No grupo que concentra os destinatários para os quais Euclides mais escreveu encontram-se tanto os grandes da política e da literatura, o Barão do Rio Branco, Machado de Assis, Oliveira Lima, José Veríssimo, como os companheiros de longa data e que se espalhavam por diferentes cidades brasileiras: João Luís Alves, Plínio Barreto, o cunhado Otaviano Vieira Costa, Reinaldo Porchat, e o especialíssimo Francisco Escobar.

O tom variado dos textos e a pluralidade dos assuntos que permitiriam organizar grandes isotopias temáticas (a questão republicana; a educação dos filhos; a relação com o pai; o olhar sobre a família; as visões acerca do Brasil; os valores éticos; as vertentes individuais da angústia, do sofrimento, do desajuste ou da determinação; a obcecada dedicação a certos projetos; as considerações sobre o ambiente intelectual brasileiro etc.) não impedem, contudo, que sejam percebidos dois núcleos fortes no conjunto da correspondência.

O primeiro organizado em torno de *Os sertões* e referente aos seus processos de produção, circulação e recepção. Neste caso,

Euclides revela as dúvidas iniciais sobre a importância do texto, passando por todas as questões propriamente editoriais até a certeza final de que havia realizado um feito notável, o de ter apreendido a grandeza da saga vivida pelos nossos sertanejos.

Tal oscilação pode ser lida em cartas separadas por um período de três anos. A Pethion de Villar escreve em 15 maio 1900: “Por isto o meu livro sobre a interessantíssima luta nos sertões da tua terra ainda não apareceu. Está, porém, agora – finalmente, pronto e ainda que seja o primeiro a considerá-lo tardeado de defeitos sérios entre os quais avulta certa falta de unidade oriunda das condições em que foi escrito – tem, preponderantemente, uma qualidade que o nobilita: a sinceridade com que foi traçado.”

A angústia aumenta e se revela em carta a Francisco Escobar (19 out. 1902): “Tenho passado mal. Chamaste-me atenção para vários descuidos dos meus *Sertões*, fui lê-lo com mais cuidado – e fiquei apavorado! Já não tenho coragem de o abrir mais.”

Um pouco adiante mostra-se a consciência acerca da importância e do significado que o livro está ganhando: “Cito, por exemplo, a opinião de um homem que é naturalmente o mais antipático a tudo quanto possa haver de republicano no Brasil, o Visconde de Ouro Preto. Disse-me ontem o doutor Gusmão, numa roda em que estava o doutor Gomes, que a opinião do grande chefe monarquista é esta: *Os sertões* são o único livro digno de tal nome, que se publicou no Brasil depois de 15 de novembro. Toda a gente assim pensa. Assim, de qualquer modo lucrei. Venci por mim só [...]” (carta ao pai, 25 fev. 1903).

O segundo núcleo está articulado em torno da aventura de conquista dos interiores do Brasil, onde avulta a “missão superior” confiada a Euclides da Cunha pelo Barão do Rio Branco para demarcar o alto Amazonas. Sobre a expedição manifesta-se em carta de 6 set. 1904, a José Veríssimo: “[...] a partida para o Alto Purus é ainda o meu maior, o meu mais belo e arrojado ideal. Estou pronto à primeira voz. Partirei sem temores; e

nada absolutamente (a não ser um desastre de ordem física que me invalide), nada absolutamente me demoverá de um tal propósito”. Na determinação do enunciado ficam claras as linhas gerais que iriam nortear a vida pessoal e intelectual de Euclides da Cunha e onde se misturam ao “espírito civilizador”, o enorme envolvimento com as coisas do País.

Pai e filhos

Há entre as cartas compulsadas neste volume das correspondências algumas dirigidas aos filhos Solon da Cunha e Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, ambos estudantes em colégio interno, e várias ao pai, Manuel Rodrigues da Cunha. Com o pai Euclides tinha uma relação, ao menos pelo que se depreende das cartas, de forte respeito tratando-o muitas vezes como um confidente, a quem demonstrava momentos de euforia ou desânimo. Com os filhos o tom é o da máxima exigência nos estudos, do respeito aos professores, num registro monocórdico que muitas vezes se repete em cartas enviadas em períodos diferentes, parecendo reiterar uma mesma estrutura de conselhos e recomendações. Numa, no entanto, dirigida a Quidinho, irrompe o tom irônico do qual Euclides não era usuário de maior constância: “Recebi as notas pelas quais vejo que estás tenente em português e coronel em latim. Ficaria mais contente se se trocassem os títulos. Em todo o caso vejo que não estás perdendo o tempo. Continua. Até o fim do ano ainda podes fazer muito. Sobre tudo deves comportar-te bem. E a nossa velha aritmética? Nem um posto? Nem mesmo o de alferes?”

Lendo as cartas de Euclides da Cunha percorremos tanto a existência tumultuária de alguém que se envolveu enormemente com as questões do seu tempo como reconhecemos o exercício de uma escrita por si só capaz de

mobilizar o interesse do leitor. A epistolografia euclidiana seria suficiente – nada mais houvesse de aproveitável na obra do escritor – para desqualificar o juízo apressado de alguns “críticos atrevidos”, que consideravam o cria-

dor de *Contrastes e confrontos* como autor de um só livro: *Os sertões*.

São Paulo, 29 de março de 1998.